

Biblioteca da SBPdePA  
Tombo: 000182

159.964.2

B 615e.2

lx 3

W. R. BION

ESTUDOS  
PSICANALÍTICOS  
REVISADOS

(SECOND THOUGHTS)

Série Analytica

Direção:  
JAYME SALOMÃO

Tradução:  
WELLINGTON M. DE MELO DANTAS

Imago

## '9 UMA TEORIA SOBRE O PENSAR<sup>1</sup>

**100.** Neste trabalho estou basicamente interessado em apresentar um sistema teórico. Sua semelhança com uma teoria filosófica deve-se ao fato de os filósofos terem-se ocupado do mesmo assunto; difere da teoria filosófica por se destinar ao uso clínico, assim como todas as teorias psicanalíticas. Foi concebido visando a que o analista no exercício de sua função corrobore as hipóteses que o compõem, em conformidade com os dados empiricamente comprováveis.

A esse respeito, o presente sistema mantém com os enunciados análogos da filosofia a mesma relação existente entre as proposições da matemática aplicada e a matemática pura.

As hipóteses resultantes, que se destinam e devem prestar-se à comprovação empírica — e, em menor grau, o próprio sistema teórico —, mantêm com os fatos observados numa análise a mesma relação que existe, por exemplo, entre as proposições de matemática aplicada referentes a um círculo matemático e uma proposição relativa a um círculo traçado no papel.

Este sistema teórico destina-se à aplicação a um número significativo de casos; cumpre ao analista, portanto, vivenciar "realizações"<sup>2</sup> que se aproximem desta teoria.

<sup>1</sup> *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 43, partes 4-5, 1962.

<sup>2</sup> Diz Bion em nota de rodapé em "O Aprender com a Experiência" (W. R. Bion, Os



Não atribuo qualquer valor diagnóstico à presente teoria, embora ache que poderá ser aplicável sempre que se acredite esteja havendo um distúrbio do pensamento. Sua significação diagnóstica depende da configuração formada pela conjunção constante de várias teorias, dentre as quais se inclui a teoria em apreço.

Talvez o exame do substrato de experiências emocionais do qual se abstraiu a presente teoria ajude a elucidá-la. Eu o farei em termos gerais, sem visar a uma precisão científica.

**101.** É conveniente encarar o pensar como uma atividade que depende do resultado satisfatório de dois desenvolvimentos mentais básicos. O primeiro desenvolvimento é o dos pensamentos. Estes requerem um aparelho que deles se encarregue. O segundo desenvolvimento, conseqüentemente, é o desenvolvimento do aparelho que provisoriamente chamarei [*atividade ou faculdade de pensar*]. Repetindo: o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos. Cumpre notar que isso difere de qualquer teoria do pensamento como produto do pensar, na medida em que se considera o pensar um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos e não o contrário. Os desenvolvimentos psicopatológicos podem-se associar a qualquer uma das duas fases, ou mesmo a ambas; isto é, eles poderão estar relacionados a um colapso no desenvolvimento dos pensamentos ou a um colapso no desenvolvimento do aparelho para "pensar" os pensamentos ou com eles lidar; ou a ambos.

Os "pensamentos" podem ser classificados, conforme a natureza de sua história evolutiva, como pré-concepções, concepções ou pensamentos e, finalmente, conceitos; os conceitos têm nome e são, portanto, concepções ou então pensamentos, firmados. A concepção se inicia através da conjunção de uma pré-concepção com uma realização. A pré-concepção poderá ser vista como o análogo, em psicanálise, do

*Elementos da Psicanálise*, pág. 18, Zahar Editores, 1966): "Uso o termo realização no sentido que tem quando se diz que a Geometria euclidiana de três dimensões apresenta a estrutura do espaço ordinário como uma de suas realizações. Uso a expressão da maneira que facilmente se compreende na *Algebraic Projective Geometry*, Semple and Kneebone (O. U. P., 1956), Capítulo I, onde se examina o conceito de geometria." Na presente tradução, *realization*, nessa aceção, traduziu-se como "realização" grafado entre aspas. (N. do T.)

conceito kantiano de "pensamentos vazios". Do ponto de vista psicanalítico, poderíamos empregar, como modelo, a teoria de que o bebê tem uma disposição inata que corresponde à expectativa de um seio. Quando uma pré-concepção é posta em contato com uma "realização" que dela se aproxime, o produto mental é uma concepção. Em outras palavras, quando o bebê é posto em contato com o seio mesmo, a pré-concepção (a expectativa inata de um seio, o conhecimento *a priori* de um seio, o "pensamento vazio") une-se à percepção da "realização" e é sincrônica com o desenvolvimento de uma concepção. Esse modelo se presta à teoria de que toda junção de uma pré-concepção com sua "realização" produz uma concepção. As concepções, portanto, estarão invariavelmente associadas a uma experiência emocional de satisfação.

Restringirei o termo "pensamento" à união de uma pré-concepção com uma frustração. O modelo que proponho é o de um bebê cuja expectativa de um seio se une a uma "realização" de um não-seio disponível para satisfação. Essa união é vivida como um não-seio, ou seio "ausente", dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebê tolerar frustração. Depende de que a decisão seja fugir da frustração ou modificá-la.

Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento, e desenvolve-se um aparelho para "pensá-lo." Isto dá início ao estado, descrito por Freud em "Dois Princípios do Funcionamento Mental", em que a predominância do princípio da realidade é sincrônica com o desenvolvimento da capacidade de pensar e, desse modo, transpor o fosso de frustração que permeia o momento em que se experimenta uma necessidade e o momento em que a ação apropriada para satisfazer essa necessidade culmina na sua satisfação. A capacidade de tolerar frustração, portanto, possibilita que a psique desenvolva o pensamento como um meio através do qual se torna mais tolerável a frustração que for tolerada.

Se a capacidade de tolerar frustração for insuficiente, o "não-seio" mau interno — que uma personalidade capaz de maturidade termina por reconhecer como um pensamento — leva a que a psique se defronte com a necessidade de decidir se foge à frustração ou a modifica.

A incapacidade de tolerar frustração faz com que a balança se incline no sentido da fuga à frustração. O resultado é um afastamento



significativo dos fatos que Freud descreve como típicos do pensamento na fase de predominância do princípio da realidade. O que deveria ser um pensamento — um produto da justaposição da pré-concepção e a “realização” negativa — torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação. Conseqüentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado, e, em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva. O modelo que proponho para esse desenvolvimento é uma psique que funcione com base no princípio de que evacuar um seio mau é sinônimo de obter alimento de um seio bom. O resultado final é todos os pensamentos serem tratados como se fossem indistinguíveis de objetos internos maus; a idéia é que o instrumental adequado seria, não um aparelho para pensar os pensamentos, mas um aparelho para livrar a psique do acúmulo de objetos internos maus. O ponto crucial está na decisão entre fugir da frustração ou modificá-la.

102. Os elementos matemáticos — isto é, linhas retas, pontos, círculos, e algo correspondente ao que mais tarde vem a ser conhecido pelas designações dos nomes dos números — provêm de realizações de dualidades, a exemplo de seio e bebê, dois olhos, dois pés, e assim por diante.

Se a intolerância à frustração não for demasiada, a finalidade precípua passa a ser a modificação. O desenvolvimento dos elementos matemáticos — ou objetos matemáticos como os denomina Aristóteles — é análogo ao desenvolvimento das concepções.

Se a intolerância à frustração predominar, tomam-se medidas para fugir da percepção da realização, através de ataques destrutivos. A medida que a pré-concepção e a realização se unem, formam-se concepções matemáticas, mas estas são tratadas como se fossem indistinguíveis de coisas-em-si, sendo evacuadas em alta velocidade como mísseis, para aniquilar o espaço. Na medida em que se percebem o espaço e o tempo como idênticos a um objeto mau, destruído — ou seja, um não-seio —, não se tem mais a realização que deveria unir-se à pré-concepção e assim completar as condições necessárias à formação de uma concepção. A predominância da identificação projetiva faz com

que se confunda a distinção entre *self* e objeto externo. Tal fato contribui para a falta de qualquer percepção de dualidade, já que essa percepção está condicionada ao reconhecimento da diferenciação entre sujeito e objeto.

Um paciente que dizia, repetidamente, que perdia tempo — e continuava a perdê-lo — me demonstrou, de modo vívido, a relação com o tempo. Seu objetivo ao desperdiçar tempo era destruí-lo. As implicações disto são ilustradas na descrição do chá do Chapeleiro Maluco em *Alice no País das Maravilhas*: são sempre quatro horas.

A incapacidade de tolerar frustração poderá obstruir o desenvolvimento dos pensamentos e da capacidade de pensar, embora a capacidade de pensar diminuísse o sentimento de frustração inerente ao reconhecimento do hiato que existe entre um desejo e sua satisfação. As concepções, ou seja, o resultado da união entre uma pré-concepção e sua realização, repetem, sob forma mais complexa, a história da pré-concepção. A concepção não encontra, necessariamente, uma realização que dela se aproxime o bastante de modo a satisfazê-la. Caso se tolere a frustração, a união da concepção com as “realizações”, sejam elas negativas ou positivas, dá início a procedimentos necessários ao aprender com a experiência. Se a intolerância à frustração não for intensa a ponto de acionar os mecanismos de fuga, mas tiver uma intensidade que impeça se suporte o predomínio do princípio da realidade, a personalidade desenvolve a onipotência como substituto da união da pré-concepção (ou da concepção) com a realização negativa. Isto implica o suposto de que a onisciência seja um substituto do aprender com a experiência por intermédio da ajuda dos pensamentos e do pensar. Não há, portanto, qualquer atividade psíquica para discriminar o verdadeiro do falso. A onisciência substitui a discriminação entre verdadeiro e falso por uma afirmação ditatorial de que uma coisa é moralmente certa e outra errada. A pretensão de ter uma onisciência que negue a realidade, seguramente faz com que a moralidade, que nessas condições se forma, seja uma função da psicose. A discriminação entre o que é verdadeiro e o que é falso é uma função da parte não-psíquica da personalidade e seus fatores. Há, portanto, um conflito em potencial entre afirmar-se que algo é verdadeiro e afirmar-se que algo



é moralmente superior. O caráter extremado de uma assertiva contagia a outra.

**103.** Determinadas pré-concepções relacionam-se a expectativas relativas ao *self*. O aparelho de pré-concepções é adequado para realizações que recaem dentro da estreita faixa de condições que favorecem a sobrevivência do bebê.

Uma das condições que afetam a sobrevivência do bebê é a sua própria personalidade. Geralmente, é a mãe quem maneja a personalidade do bebê e outros elementos do meio. Se mãe e bebê se ajustarem mutuamente, a identificação projetiva, através do emprego de um senso de realidade rudimentar e frágil, passará a exercer papel destacado no manejo em questão; a identificação projetiva, que em geral é uma fantasia onipotente, funciona neste caso de modo realista. Estou inclinado a crer seja esta a sua forma normal. Quando Melanie Klein fala em identificação projetiva "excessiva", acredito que o termo "excessiva" deva ser entendido como se aplicando não só à frequência com que se emprega a identificação projetiva, mas também à crença excessiva na onipotência. Quando sob forma de atividade realista, a identificação projetiva manifesta-se como conduta que premeditadamente visa a despertar, na mãe, sentimentos dos quais o bebê deseja livrar-se. Se o bebê sente que está morrendo, pode despertar na mãe o receio de que ele esteja morrendo. A mãe equilibrada consegue aceitar esse temor e reagir terapêuticamente; isto é, de modo a fazer com que o bebê sinta estar recebendo de volta a sua própria personalidade amedrontada, mas de uma forma tolerável — os temores passam a ser manejáveis pela personalidade do bebê.

Se a mãe não puder tolerar tais projeções, o bebê não terá outra alternativa senão o recurso à contínua identificação projetiva, levada a cabo com força e frequência crescentes. Ao que parece, essa maior força priva a projeção da penumbra de significado que ela tem. A reintrojeção se faz com igual força e frequência. Deduzindo os sentimentos do paciente a partir de sua conduta no consultório, e utilizando tais deduções para elaborar um modelo, o bebê do meu modelo não se comporta segundo a maneira que habitualmente eu esperaria fosse a conduta de um adulto que pensasse. Comporta-se como se sentisse que

se formara, dentro dele, um objeto interno com características de um "seio" — vagina, voraz, que retira o que há de bom de tudo quanto o bebê recebe ou dá, deixando apenas objetos degenerados. Este objeto interno priva seu hospedeiro de todo o entendimento que se lhe oferece. Na análise, um paciente desse tipo parece incapaz de usufruir o que lhe fornece o ambiente e, portanto, o analista. As conseqüências de tal fato para o desenvolvimento da capacidade de pensar são bastante graves; descreverei apenas uma, isto é, o desenvolvimento prematuro da consciência.

Com o termo "consciência"<sup>1</sup> refiro-me, neste contexto, ao que Freud descreveu como "o órgão sensorial para a percepção de atributos psíquicos".

**104.** Descrevi anteriormente (numa Reunião Científica da Sociedade Britânica de Psicanálise) o uso do conceito de função alfa como um instrumento de trabalho na análise dos distúrbios do pensamento. Pareceu-me conveniente supor que exista uma função alfa que converte os dados sensoriais em elementos alfa, fornecendo assim à psique material para pensamentos oníricos, e propiciando, portanto, a capacidade de acordar ou de dormir, de estar consciente ou inconsciente. Segundo essa teoria, a consciência depende da função alfa. Constitui uma necessidade lógica, supor que essa função exista se admitirmos que o *self* seja capaz de estar consciente de si mesmo — no sentido de saber de si a partir da experiência consigo mesmo. O malogro no estabelecimento de uma relação mãe/bebê em que seja possível a identificação projetiva normal impedirá, entretanto, o desenvolvimento de uma função alfa e, conseqüentemente, a diferenciação entre elementos conscientes e inconscientes.

Evita-se essa dificuldade restringindo-se o termo "consciência" ao significado que lhe confere a definição de Freud. Empregando o termo "consciência" nesse sentido restrito, é possível supor que a consciência produza dados sensoriais relativos ao *self* mas que não haja uma função alfa para convertê-los em elementos alfa e, assim, possibilitar a capacidade de estar consciente ou inconsciente a respeito do *self*. A persona-

1 *Consciousness* — não confundir com "consciência moral", *conscience*. (N. do T.)



lidade do bebê não é capaz de, por si só, fazer uso dos dados sensoriais; tendo, porém, de evacuar esses elementos na mãe, confiando em que ela faça o que quer que tenha de ser feito para transformá-los, de modo que se tornem adequados ao emprego, por parte do bebê, como elementos alfa.

A limitada consciência por Freud definida, que ora uso para definir a consciência rudimentar do bebê, não está vinculada a um inconsciente. Todas as impressões quanto ao *self* têm valor igual; são todas conscientes. A capacidade de *reverie* da mãe é o órgão receptor da colheita de sensações que o bebê, através de seu consciente, experimenta em relação a si mesmo.

Um consciente rudimentar não poderia executar as tarefas que geralmente consideramos próprias da esfera de ação da consciência, parecendo-nos enganosa a tentativa de retirar o termo "consciente" do âmbito do uso habitual, onde é aplicado a funções mentais de grande importância no processo racional de pensar. No momento, faço essa distinção somente para mostrar o que ocorre se houver, em decorrência da identificação projetiva, um colapso da interação entre a consciência rudimentar e a *reverie* materna.

Dá-se um desenvolvimento normal se a relação entre o bebê e o seio permitir que o bebê projete, na mãe, a sensação, digamos, de ele estar morrendo; e que o bebê reintrojete essa sensação, após a permanência no seio ter feito com que a mesma se torne suportável para sua psique. Se a projeção não for aceita pela mãe, o bebê sente que se retirou da sensação dele, de estar morrendo, o significado que esta possui. Conseqüentemente, reintrojeta não um medo de morrer, agora tolerável, mas um pavor indefinível, sem nome.

As tarefas que ficaram inconclusas, devido à ruptura na capacidade de *reverie* da mãe, são impostas à consciência rudimentar; todas elas, em diferentes graus, dizem respeito à função de correlacionar.

A consciência rudimentar não consegue suportar a carga nela depositada. O estabelecimento, interno, de um objeto-que-rejeita-a-identificação-projetiva significa que, em lugar de um objeto compreensivo, o bebê fica com um objeto-que-não-entende-propositadamente — com o qual se identifica. Além disso, os atributos psíquicos do bebê são percebidos por uma consciência prematura e frágil.

105. O aparelho de que dispõe a psique poderá ser visto como constituído de quatro partes:

1. Processo de pensar — associado à modificação e à fuga.
2. Identificação projetiva — associada à fuga através da evacuação, não devendo ser confundida com a identificação projetiva normal (parág. 103 sobre identificação projetiva "realista").
3. Onisciência (à base do princípio de *tout savoir tout condamner*).<sup>1</sup>
4. Comunicação.

O exame do aparelho cujos componentes relacionei nesses quatro itens revela que ele se destina a lidar com os "pensamentos" no sentido amplo do termo — ou seja, incluindo todos os objetos por mim descritos como sendo concepções, pensamentos, pensamentos oníricos, elementos alfa e elementos beta — como se fossem objetos com os quais se tivesse de lidar (*a*) porque encerrariam ou expressariam, de alguma forma, um problema, e (*b*) porque seriam encarados como excrescências indesejáveis da psique, requerendo, justamente por esse motivo, atenção e eliminação através de algum meio qualquer.

106. É evidente que, quando são expressões de um problema, eles requerem um aparelho que se destine a exercer um papel na superação do hiato entre reconhecer e avaliar uma carência e a ação destinada a modificar essa falta, idêntico ao papel desempenhado pela função alfa na superação do hiato entre os dados sensoriais e a avaliação destes últimos. (Neste contexto, incluo a percepção de atributos psíquicos como requerendo o mesmo tratamento dispensado aos dados sensoriais). Por outras palavras, da mesma forma que os dados sensoriais precisam ser modificados e trabalhados pela função alfa, para que se possa utilizá-los, por exemplo, nos pensamentos oníricos, os pensamentos, por sua vez, têm também de ser trabalhados para que passem a ser utilizáveis na tradução em ação.

Traduzir em ação envolve publicação, comunicação e senso comum. Até este ponto, evitei o exame desses aspectos do processo de pensar, embora estejam implícitos na discussão que aqui faço, e

<sup>1</sup> Em francês, no original. (N. do T.)



pelo menos um deles tenha sido claramente esboçado; refiro-me à correlação.

Pode-se ver a publicação como algo que, originariamente, era pouco mais que uma função dos pensamentos, ou seja: torna os dados sensoriais acessíveis à consciência. Gostaria de reservar o termo "publicação" às operações necessárias para tornar pública a consciência [cognitiva] privada, isto é, aquela que é privativa do indivíduo. Os problemas que isso envolve podem ser considerados técnicos e emocionais. Os emocionais estão associados ao fato de o homem ser um animal político, não podendo realizar-se plenamente fora de um grupo, nem tampouco satisfazer qualquer impulso emocional sem que o componente social desse impulso se expresse. Os impulsos que o indivíduo tem, e me refiro a todos os impulsos, não só aos sexuais, são ao mesmo tempo narcísicos. O problema é a resolução do conflito entre narcisismo e social-ismo. O problema técnico diz respeito à questão da expressão do pensamento, ou da concepção, em forma de linguagem, ou o equivalente desta — os sinais.

Isto leva-me à comunicação. A comunicação originariamente se faz através da identificação projetiva realista. Esse primitivo método infantil sofre diversas vicissitudes, inclusive, conforme vimos, a desvalorização, dada a hipertrofia da fantasia onipotente. Poderá evoluir, caso a relação com o seio seja boa, e se transformar na capacidade de o *self* tolerar seus próprios atributos psíquicos, abrindo assim caminho para a função alfa e o pensamento normal. Mas esse método se desenvolve, também, como parte da capacidade social do indivíduo. Tal evolução, de grande importância na dinâmica de grupo, virtualmente não tem recebido atenção alguma; sua ausência tornaria impraticável até mesmo a comunicação científica. Sua presença, no entanto, poderá suscitar sentimentos de perseguição nos receptores da comunicação. A necessidade de diminuir os sentimentos de perseguição concorre para a tendência à abstração na formulação de comunicações científicas. A função dos elementos da comunicação (palavras e signos) é veicular, seja por meio de substantivos, isolados ou através de locuções verbais, que determinados fenômenos estão constantemente conjugados nos moldes da relação recíproca que entre eles vigora.

Função importante da comunicação é a obtenção da correlação. Na

medida em que a comunicação se conserva como função privativa, é necessário haver concepções, pensamentos e a verbalização destes, para facilitar a combinação de um determinado conjunto de dados sensoriais com outro. Se os dados conectados se harmonizarem, experimenta-se um senso de verdade, sendo desejável que esse sentimento ganhe expressão em forma de um enunciado análogo a um enunciado funcional da verdade. A não obtenção dessa conjunção de dados sensoriais e, portanto, em chegar a um ponto de vista baseado no senso comum acarreta um estado mental de debilitação no paciente — como se a inanição por falta de verdade fosse, de certo modo, análoga à inanição pela privação de alimentos. A verdade de um enunciado não implica, necessariamente, a existência de uma realização que se aproxime do enunciado verdadeiro em questão.

Poderemos agora examinar melhor a relação entre consciência rudimentar e atributo psíquico. As emoções preenchem, no que se refere à psique, função semelhante à que os sentidos exercem em relação a objetos situados no espaço e no tempo. Ou seja, o equivalente, no conhecimento privado, de um ponto de vista baseado no senso comum é a visão emocional compartilhada; vivencia-se uma sensação de estar com a verdade se a visão de um dado objeto, odiado, puder unir-se à visão do mesmo objeto quando amado, e tal conjunção confirmar que o objeto experimentado sob emoções distintas é o mesmo objeto. Estabelece-se uma correlação.

107. Uma correlação análoga a essa — factível se aplicarmos a noção de consciente e inconsciente aos fenômenos do consultório — dá aos objetos psicanalíticos<sup>1</sup> um cunho de realidade bastante inequívoca, ainda que a própria existência destes últimos tenha sido posta em dúvida.

1 Aqui, Bion parece confiar em que o leitor, atento, perceberá que a expressão "objetos psicanalíticos" se refere aquilo que é objeto de estudo da psicanálise, e não, a "objetos internos ou externos", simplesmente — por analogia com "objetos matemáticos" (Aristóteles, na pág. 130, do presente trabalho). (N. do T.)